

EDITORIAL: ENTRE A SALA DE AULA E O TERRITÓRIO – DESAFIOS PARA UMA GEOGRAFIA EMANCIPADORA

O Número 18 da *Geodiálogos: Revista Eletrônica de Diálogo e Divulgação em Geografia* apresenta um conjunto de reflexões que tencionam os limites da prática educativa e da gestão do território no Brasil contemporâneo. Unificados pelo compromisso com a democratização do conhecimento e pela crítica às hegemonias estruturais, as contribuições que compõem esta edição convidam a pessoa leitora a problematizar as disparidades entre o discurso formal – seja normativo, político ou acadêmico – e as dinâmicas vivenciadas nos cotidianos escolares e territoriais.

A primeira contribuição, investigada por Giovanna Gomes de Sousa, Sara Cristina Lisboa Ribeiro, Ana Vitória Vieira Freitas e Maria Eduarda Chaves Queiroz, orientadas por Ana Luiza de França Sá, lança luz sobre os “desafios para a aplicação de metodologias ativas sob o olhar de docentes do Ensino Superior”. Ao analisar a percepção de docentes em cursos de licenciatura, o estudo revela um instigante descompasso entre a autopercepção docente e a rotina em sala de aula: embora 90% das pessoas entrevistadas afirmem adotar métodos ativos, imperam os limites impostos pelo escasso tempo de planejamento e pelo excesso de conteúdo programático, reiterando a permanência de práticas tradicionais ou híbridas moderadas.

Avançando para as arenas de disputa territorial, Adriano Chaves de França e Edvaldo Cesar Moretti analisam a relação entre “água, desenvolvimento e território na bacia hidrográfica do Rio Ivinhema, Mato Grosso do Sul”. Os autores evidenciam como o arcabouço institucional da gestão hídrica, formalmente democrático e participativo, confronta-se com as assimetrias do modelo agroeconômico dominante. O texto demonstra que a elevada riqueza nominal dos municípios da bacia convive com a concentração de renda e com o predomínio dos interesses produtivos no comitê gestor, enfraquecendo a representação social e a justiça ambiental.

Por fim, a seção *Coluna* traz reflexão sobre “o ensino de Geografia a partir da diversidade e da cotidianidade”, advogando por uma inflexão epistemológica na Geografia Escolar. Ao articular eixos como a valorização do espaço vivido na periferia urbana e no campo, a superação do racismo epistêmico (no âmbito dos 20 anos da Lei nº 10.639, de 2003) e as demandas da Educação Inclusiva e da EJA, o trabalho reafirma a diversidade discente não como um entrave, mas como fundamento educativo para a formação cidadã.

Em suma, este número reafirma a Geografia como ferramenta crítica e indispensável para desnormalizar as desigualdades sociais, hídricas e educativas, projetando caminhos para a transformação social.

Brasília, 31 de agosto de 2026.

Nathan Belcavello de Oliveira
Diretor